



Entre Penedos, Fragas e Grutas – Curiosidades

Alexandra Vieira¹

Resumo: As diferentes paisagens que salpicam a região de Trás-os-Montes e Alto Douro presenteiam-nos com fragas, penedos e grutas repletas de vestígios arqueológicos e de diferentes histórias contadas pelas comunidades locais. É no âmbito deste universo que recolhemos alguns dados sobre abrigos e grutas naturais que evidenciam a existência de práticas funerárias durante a Pré-história Recente. A pretexto destas ocupações, onde se destaca a existência de ossos humanos e/ou material arqueológico, procuramos sistematizar alguns dados relativos à toponímia ou à tradição oral que ampliam o nosso conhecimento sobre estes sítios e estas paisagens.

1. Introdução

As belíssimas paisagens transmontanas e durienses guardam vários *tesouros*, muitos deles ainda por descobrir e/ou por explorar. Tal é o caso das grutas com vestígios de enterramentos, que “aguardam” por trabalhos de investigação sistemáticos e multidisciplinares.

11/07/2008 | Grutas de Sto. Adrião
Espeleologia | Grutas de Sto. Adrião ao abandono

“As Grutas de Sto. Adrião são um ex-libris do património espeleológico português. Estudadas por Nery Delgado, no século passado, encontram-se actualmente ao abandono. A sua preservação torna-se, pois, urgente. Um passo a dar seria a sua classificação como geomonumento ou a criação de um centro de interpretação” (Cuiça, 2008).

Em jeito de provocação, começamos este trabalho com uma publicação datada de 2008, num blog de espeleologia que defende o estudo e a valorização das Grutas de Santo Adrião, considerando-as um ex-libris do património espeleológico português. Também do ponto de vista da arqueologia estas Grutas merecem um olhar mais atento e um projeto de valorização patrimonial.

Nos trabalhos de pesquisa que conduziram à elaboração da nossa tese de doutoramento, finalizada em 2015, um dos temas que nos suscitou maior interesse foi a possibilidade de algumas grutas e abrigos da Bacia Hidrográfica do Douro (a Norte) terem sido ocupados, enquanto lugares de enterramento, desde o terceiro quartel do III milénio a.C. até ao primeiro quartel do I milénio a.C. Segundo Ana Bettencourt (2011: 127): “As grutas e abrigos também foram ocupados como lugares de enterramento e de depósitos durante a Idade do Bronze do Noroeste Peninsular, sendo mais comuns na zona oriental, onde abundam formações cársicas, principalmente nas Astúrias e em Trás-os-Montes”.

1. Instituto Politécnico de Bragança; CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória | alexandra.vieira@ipb.pt; alexandra.vieira@gmail.com.

A propósito das Grutas de Ferreiros ou Santo Adrião, Maria Jesus Sanches coloca a hipótese de estas grutas terem sido usadas como locais de enterramento devido à presença de ossos humanos, mas não descarta a possibilidade de terem sido, igualmente, espaços de habitat (Sanches, 1997: 287).

Atendendo a que a maioria destes sítios não foi objeto de trabalhos de escavação, não é possível afirmar categoricamente a sua utilização enquanto espaços de enterramento. Até ao momento, os trabalhos desenvolvidos não permitiram correlacionar, estratigraficamente, vestígios osteológicos com o material cerâmico, lítico e metálico detetado no interior das grutas. No entanto, à semelhança de casos idênticos, estudados não só a nível nacional, mas também a nível europeu, a existência de ossos humanos, a par do material arqueológico, em contextos relativamente bem preservados, permitiu interpretar alguns destes sítios como “locais de enterramento”, onde se realizaram práticas funerárias. Infelizmente, os contextos que iremos abordar neste artigo encontram-se já muito revolidos, em virtude de trabalhos de exploração aquando da sua descoberta ou de escavações clandestinas, como a Lorga de Dine. Noutros casos, como o Penedo de Cuba, os vestígios arqueológicos desapareceram, restando apenas alguns materiais no Museu da Sociedade Martins Sarmento.

A pesquisa bibliográfica realizada para a parte norte da Bacia Hidrográfica do Douro, em Portugal, permite-nos distinguir várias realidades²:

a) sítios com o Penedo de Cuba (Soalhães, Marco de Canaveses); Lorga de Dine (Fresulfe; Vinhais); Grutas de Santo Adrião (Vimioso/Miranda do Douro), onde foram detetados vestígios osteológicos associados ou na proximidade de materiais arqueológicos;

b) sítios onde foram detetados materiais arqueológicos que são semelhantes a outros contextos de enterramento, apesar de não terem sido detetados ossos humanos, como o Fragão da Pitorca (Chaves);

c) por último, alguns sítios não foram, ainda, fruto de estudos ou descrições mais sistemáticas, e, por esse motivo, permanecem, até resultados mais contundentes, numa categoria indeterminada. Por nos parecerem realidades muito semelhantes (zonas calcárias), com o mesmo tipo de implantação e potencialidade, enquadramo-las neste trabalho.

A propósito destas grutas naturais, ou seja, formações cársticas e a sua distribuição na região estudada, nomeadamente em Trás-os-Montes e Alto Douro, reproduzimos este pequeno excerto de um texto compilado por Pedro Cuiça, espeleólogo. Este autor faz referência às localidades onde é possível encontrar cavidades naturais, na nossa área de estudo, e que correspondem a alguns dos sítios arqueológicos referidos neste trabalho:

“As Orlas Mesocenozóicas Algarvia ou Meridional e Lusitaneana ou Ocidental são as áreas onde ocorrem a grande maioria das grutas portuguesas. No entanto, as cavidades naturais não se circunscrevem a esses carcos. Os concelhos de Macedo, Mogadouro e Vinhais, em Trás-os-Montes, apresentam igualmente a ocorrência de rochas carbonatadas e cavernas associadas. O geólogo Carlos Teixeira (1981) referiu os afloramentos de Sto. Adrião, S. Pedro de Sarracenos, Dine, Cova da Lua, Rabal, Rebordões, Failde, Alfaião, Mós, Amendoeira, Vale da Porca, Vilar do Monte, Sambedo, Castro Vicente, Vilar Chão e Paradela. Os calcários surgem em lentículas, orientadas geralmente segundo NW-SE, intercaladas no seio de rochas xistentas frequentemente acompanhadas por faixas anfíbolíticas. A.C. Medeiros (1953) assinalou a existência de cavernas em Dine e Cova da Lua. No entanto, as grutas de Sto. Adrião constituem o caso mais paradigmático de cavidades em terrenos antigos, do Paleozóico (Cuiça, 2008)”³.

2. O Abrigo 1 da Fraga dos Corvos, encontra-se conectado com um povoado de grandes dimensões, denominado de Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). Este sítio arqueológico, que possui cronologias de ocupação associadas à Idade do Bronze e Idade do Ferro, encontra-se bem estudado e tem sido objeto de inúmeras campanhas de escavação e diversas publicações. A sua cronologia parece ser um pouco mais tardia em relação aos restantes sítios apresentados neste trabalho, atendendo a que possui, ao nível do material arqueológico exumado, especificidades muito próprias, remetendo para um provável enterramento do Bronze Final (Bettencourt, 2009b: 17). Por esse motivo, não será integrado neste artigo.

3. «“O reconhecimento científico dos jazigos de mármore e de alabastro de Santo Adrião”; efectuado pelo geólogo Nery Delgado, remonta ao ano de 1887 e constitui um dos primeiros trabalhos realizados em grutas portuguesas. Estácio da Veiga, nas suas Antiquidades Monumentais do Algarve, manifestou a sua admiração pelo trabalho de Nery Delgado, “o instaurador do estudo das cavernas”, e face às “belíssimas lâminas de alabastro”; provenientes das grutas de Sto. Adrião, que estiveram na Exposição Industrial de Lisboa (1888)”» (Cuiça, 2008).

CNS	DESIGNAÇÃO	TOPÓNIM LUGAR	FREGUESIA (CONCELHO)	TIPOLOGIA	OBSERVAÇÕES	CRONOLOGIA	ESCAVAÇÃO	FORNOS DE CAL
3969	Penedo de Cuba/ Gruta da Coriscada//Gruta das Coriscadas	Coriscadas; Poço	Soalhães (Marco de canaveses)	Enterramentos em gruta?		Neolítico / Indeterminado	Escavação	
5435	Fragão da Pitorca//7Fraga da Pitorga/Fragão da Moura	Curral de Vacas; Monte das Quintas - Fraga da Pitorga	Santo antónio de Monforte (Chaves)	Enterramentos em gruta + Achado(s) Metálico(s)	Espiral em ouro, machado de bronze, fragmentos de mó manual, cerâmica manual	Idade do Bronze//Indeterminado		
2622	Gruta de Dine/ Lorga de Dine/ Casa da Moura Encontada	Craсто/Lorga// Dine	Fresulfe (Vinhais)	Enterramentos em gruta + Vestígios de superfície + Níveis arqueológicos sem estruturas		Calcolítico; Idade do Bronze; Idade do Ferro (Lemos, 1993: 442)// Do 2º quartel/ finais do IIIº aos meados do IIº milénio AC. (Sanches, 1997: 287)	Escavação (1984-1986) Mário Brito; Escavação (1983) João Pedro Cunha Ribeiro e Mário de Brito; Escavação (1982) João Pedro Cunha Ribeiro; Escavação (1964) Carl Harpsøe	Fornos de cal
4914	Santo Adrião// Grutas de Santo Adrião// Grutas de Ferreiros (e fendas do monte Pedriço)//Grutas de Ferreiros, Gruta Grande, Gruta da Ribeira e Gruta do Geraldês	Santo Adrião/ Minas de Santo Adrião Monte de Ferreiros	Silva (Miranda do Douro Vimioso)	Enterramentos em gruta + Achado(s) Metálico(s)	Um machado plano e um punhal, ambos em cobre arsenical.	Calcolítico; Romanização (Lemos, 1993: 246) - Habitat e Necrópole Calcolítica; Mineração Romana (Lemos, 1993: 246)//Idade do Bronze//1ª metade (2º quartel/ meados) do IIIº milénio AC. (Sanches, 1997: 287)	Sondagem 1984 Mário Brito	Fornos de cal
19484	Caleira	Caleira/Fornos da Cal	URRÓS (MOGADOURO)	Indeterminado	Ossos humanos	Indeterminado// PHR?		Fornos de cal
4638	Cova de Lua		ESPINHOSELA (BRAGANÇA)	Gruta natural		Indeterminado		Fornos de cal
5594	Grutas de Penecal		SÃO PEDRO DE SARRACENOS (BRAGANÇA)	Gruta natural		Indeterminado	Escavação (1983) Escavação (1984) Mário Brito e João Pedro Ribeiro	Fornos de cal
6650	Abrigo 1 da Fraga dos Corvos	Mocho/Fraga dos Corvos	VILAR DO MONTE (MACEDO DE CAVALEIROS)	Sítio com estruturas + Achado(s) Metálico(s)	Abrigo associado a um povoado	Bronze Pleno, Bronze Final	Escavação	

Tabela 1 Síntese dos vestígios arqueológicos (enterramentos em gruta) abordados neste trabalho. Fonte: Portal do Arqueólogo, 2021

Deste modo, salientamos cavidades naturais como Dine, Cova de Lua, Santo Adrião, Grutas de Penecal (S. Pedro de Sarracenos), que se localizam em áreas calcárias e os quais serão abordados ao longo das próximas páginas. Todos estes sítios se localizam nas proximidades de fornos de cal. Por exemplo, a Caleira fica na encosta Sul do sítio da Cerca, na zona

dos fornos da cal (Portal do Arqueólogo, 2021). Em Santo Adrião, “Os calcareos continuam ainda para o noroeste, passando a 1 kilometro de distancia ao nascente de Vimioso, onde existem alguns fornos de cal, sendo este o ponto extremo em que os reconhecem” (Delgado, 1887: 48).

Iremos, fazer referência, igualmente, a dois abrigos que se localizam em áreas muito pedregosas, pontuadas por inúmeras fragas/penedos, onde foram detetados vestígios arqueológicos: Penedo de Cuba e Fragão da Pitorca. Estas duas realidades (grutas formadas em áreas calcárias e abrigos em áreas com muitos penedos) correspondem a paisagens muito distintas entre si. Todos estes dados se encontram sistematizados na tabela 1.

A Carta Arqueológica de Vimioso (2015: 48) faz referência aos Jazigos de mármore de Santo Adrião, nos quais foram detetadas grutas cujos vestígios evidenciam ocupações da Pré-história Recente; do período romano e, posteriormente, trabalhos de exploração das grutas durante o século XX. Estas grutas localizam-se no limite/fronteira dos concelhos de Vimioso e Miranda do Douro, sendo que o acesso se faz por Vimioso, embora algumas delas se situem já no território de Miranda do Douro. Vários fragmentos de ossos humanos (crânios, mandíbulas, dentes) assim como materiais líticos e metálicos provenientes destas grutas encontram-se depositados no Museu Nacional de Arqueologia (tabela 2).

O conjunto das grutas de Ferreiros situa-se nas imediações das pedreiras de alabastro, onde Nery Delgado refere a existência de “lavra romana, datação que se apoia nos artefactos recolhidos”, designadamente “uma picareta e outros utensílios em ferro, cilindros de calcário e um fragmento de estela com gravação em forma de sol (Brandão e Silva: 2005: 564).

Segundo o Portal do Arqueólogo (2021), o sítio da Caleira (cns 19484) é uma gruta natural que se localiza na encosta Sul do sítio da Cerca, na zona dos fornos da cal, em Urrós (Mogadouro, Bragança), sendo visível através das grandes manchas esbranquiçadas deixadas na encosta pela atividade de extração de cal. É, na zona, o único sítio onde aparecem afloramentos calcários e existe a possibilidade de neste local ter sido encontrado um osso, se corresponder, efetivamente, ao sítio descrito pelo Abade de Baçal, em Urrós:

“(…) Também o mesmo diligente informador [João do Nascimento Pires] nos deu notícia numa carta de 1927 de uma pequena gruta aparecida numas pedreiras calcárias do termo de Urrós, onde se en-

controu um osso. Supõe ele que a gruta será maior, pois está entulhada” (Alves, 2000 [1934]: 679).

Os fornos de cal encontram-se abandonados, e a população local não se lembra da existência de uma gruta, mas há a tradição oral de terem aparecido ossos humanos na extração de pedras para fazer cal, sendo possível que se trate, efetivamente, de uma gruta com ocupação (Portal do Arqueólogo, 2021).

Cova de Lua (cns 4638) e as Grutas de Penecal (cns 5594) são consideradas grutas naturais que se localizam no concelho de Bragança. A primeira em Espinhosela e as segundas em S. Pedro de Sarraçeno. Ambas se localizam próximas de fornos de cal. Em nenhuma destas grutas foram detetados vestígios arqueológicos. A gruta de Cova de Lua teria algumas “concreções calcárias como estalactites e estalagmites”, segundo os habitantes da aldeia; nunca foi objeto de trabalhos arqueológicos ou de outro tipo e a entrada encontra-se obstruída (Portal do Arqueólogo, 2021).

José Henriques Pinheiro, escreve, em fevereiro de 1887, um relatório sobre as ruínas romanas descobertas junto da povoação de Castro d’Avellãs, para a Sociedade Martins Sarmento, entidade que financiou a escavação destas ruínas arqueológicas e refere a existência de uma gruta juntos dos fornos de cal:

“(…) A collina está encaixada na quebrada do monte, que é todo elle uma floresta; a parte superior eleva-se acima do plaino, occultando-o a quem olha da encosta fronteira, do outro lado do valle. A Cova da Lua deveria ser n’este valle, onde existe um lago de quatrocentos metros quadrados de superficie aproximadamente. O lago formou-se n’uma noite há cerca de trinta anos, e diz-se que tem comunicação subterrânea com uma caverna ou gruta que existe a uns duzentos metros de distancia, junto dos fornos de cal” (Pinheiro, 1888: 87).

O topónimo Cova reflete a existência de um buraco fundo feito no solo; uma concavidade ou depressão. Este autor fala na existência de um lago que terá ligação com uma caverna ou gruta. Deste modo, sabemos, que esta gruta seria conhecida pela população local pelo menos desde o último quartel do século XIX e que distava dos fornos de cal cerca de 200m.

	Grutas de Ferreiros	Gruta Grande	Gruta da Ribeira	Gruta do Geraldês	Nas fendas ou algares de calcareo do Monte do Pedriço
Camada com sedimentos	“depósito de terra mais consistente, de cor castanha-escura”	“há alguma terra fina de cor anegrada”	“encerra bastante quantidade de terra”	difícil acesso, não foi visitada	sim
Ossos humanos	um crânio; frags. de outros crânios; ossos humanos	um crânio separado do restante esqueleto (incompleto)			ossadas de dois esqueletos humanos incompletos.
Fauna		ossos de animais (cabra ou carneiro, coelho, etc.)	“muitos ossos e dentes de animais (cavallo, boi, etc.); muitos fragmentos de osso de animais.		
Cerâmica	“grande quantidade de cacos de louça grosseira, negra, fabricada à mão, lisa ou com ornatos simples.	“alguns cacos de louça grosseira negra”			
Líticos	ponta de seta em sílex; lâmina de sílex		duas pontas de seta e algumas lascas de quartzo hialino; lascas em sílex.		dois machados polidos de amphibolite (um com 25 cm); Duas mós de granito imperfeitas, partidas (50 cm de diâmetro), pela descrição parece um dormente.
Metais	um machado e um punhal em cobre arsenical				Punhal de Bronze
Outros	frag. de anel circular em osso; furador em osso (15 cm)				

Tabela 2 Esquema estruturado com base nas seguintes obras: Delgado, 1887; Marcos, 1993: 206/207; Sanches, 1992: 49/50; Bettencourt, 2011: 127

Segundo o Portal do Arqueólogo, no Penecal, local onde num passado recente se procedeu à extração de cal, foram registadas pelo menos quatro grutas. A gruta de maior dimensões foi objetivo de duas sondagens arqueológicas no âmbito do projeto “Intervenção de Emergência nas Grutas Calcárias de Trás-os-Montes”, 1983 e 1984, liderado por Mário de Brito e João Pedro Cunha Ribeiro. Segundo estes autores:

“(…) leva-nos a deduzir que aquela zona terá sido explorada como pedreira ou como local de deposição de pedra não utilizada para os fornos de cal. O enchimento onde foi realizada a sondagem 2, sala interior, mostrou ter uma espessura bastante reduzida ao contrário do que seria de esperar da configuração da sala, não tendo sido encontrados quaisquer tipo de vestígios arqueológicos. O enchimento da 2 sondagem é constituído por uma terra negra e pequenos blocos calcários concrecionados entre si. As duas sondagens realizadas são insuficientes para, na gruta 5, satisfazer os objectivos deste trabalho” (Portal do Arqueólogo, 2021).

De acordo com a descrição do Abade de Baçal, as pedreiras de cal do Penecal, assentam num grande cabeço voltado para o ribeiro do Penecal. A “fraga” onde se localiza a gruta possui “uma superfície de cento e tal metros de comprimento por mais de dez de altura e outros tantos de espessura, fora o que se esconde na terra”. Refere ainda que a cal é de boa qualidade, mas a sua exploração estaria condicionada devido a dificuldades de transporte, servindo apenas as regiões vizinhas (Alves, 2000 [1938]: 67).

2. Os Sítios Arqueológicos⁴ e as suas outras “Estórias”

Era nossa intenção fazer um estudo mais aprofundado sobre a tradição oral associada a este tipo de sítios arqueológicos, porém a impossibilidade de realizar trabalho de campo na conjuntura atual, permitiu apenas aflorar e compilar alguns dados dis-

4. Estes vestígios arqueológicos foram descritos e caracterizados em Vieira, 2015, Parte II, capítulo II.3.4. Práticas sepulcrais – Enterramentos em gruta, pp. 259-273.



Fig. 1 Goiva, Soalhães, Marco de Canaveses



Fig. 2 Ponta de Seta, Marco de Canaveses



Fig. 3 Facas, Marco de Cavavezes (Fotografias 1 a 3 cedidas pelo Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento).

persos pela bibliografia existente. São curiosidades, breves apontamentos, alguns dados que nos permitem perceber a envolvência paisagística dos sítios e algumas leituras feitas pelos seus habitantes locais.

2.1. A Gruta da(s) Coriscada(s) (Marco de Canaveses)

O Penedo de Cuba [cns 754], igualmente conhecido como Gruta das Coriscadas ou Gruta da Coriscada, localiza-se na freguesia de Soalhães, concelho do Marco de Canaveses. Situa-se num pinhal onde afloram muitos penedos, numa encosta proeminente à ribeira de Lardosa. É formado por um aglomerado de penedos (Portal do Arqueólogo, 2021). Parece haver no interior do penedo uma espécie de “gruta” com 6,20 m de largura, 0,70 m de altura e 5,20 m de comprimento⁵. Poderá tratar-se de um espaço sepulcral, possivelmente aberto no saibro, encaixado entre penedos, não se conhecendo a sua estrutura interna. Forneceu cerâmica de fabrico manual sem decoração, dois machados polidos, uma goiva, duas facas de sílex e pontas de seta, tendo sido recolhidos fragmentos de ossos humanos. Perante o material exumado este sítio parece ser enquadrável, cronologicamente, no 3º milénio a.C. (Penedo de Cuba – SMS, 2021).

Segundo Mário Cardoso, “*Em Março de 1882, o Dr. José de Barros da Silva Carneiro, médico do partido municipal no Marco de Canaveses e amigo pessoal de Martins Sarmento, enviou a este alguns instrumentos pré-históricos de pedra, encontrados numa gruta natural que ele havia explorado, na base de um grande penedo conhecido no local pela designação de ‘Penedo de Cuba’ (...)*” (Cardozo, 1950: 477-478). A “escavação” realizada por Martins Sarmento permitiu encontrar um machado de diorite, uma faca de sílex, uma ponta de seta e fragmentos de ossos não classificáveis (Sarmiento, 1999: 242).

Dos diversos materiais exumados do Penedo de Cuba destacamos a goiva de pedra, uma ponta de seta e uma faca em sílex que se encontram no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães.

5. “*Na parte inferior d’este penedo está uma gruta em forma d’abóboda, que tem de largura seis metros e vinte centímetros, d’altura setenta centímetros e de profundidade (distância da bôcca ao extremo oposto), cinco metros e vinte centímetros. (...)*” (Penedo de Cuba – SMS, 2021).



Fig. 4 Coriscadas - topónimo. Carta Militar de Portugal - Série M888, escala 1/25 000 n.º 125. Ano 1980



Fig. 5 Área onde se localiza a “Gruta das Coriscadas” (Fotografia de Luís Sousa)

A descoberta do sítio ocorre quando um telheiro foi à procura de terra e encontrou uma abertura no penedo que se encontrava “calafetada” com terra, constituindo uma parede, mas que possuía aberturas (luras dos coelhos). Espreitou pelas aberturas e viu um espaço com terra, tendo decidido desobstruir a entrada da “gruta”. Depois de desfazer a parede e começar a recolher a terra surgem-lhe ossos e caveiras. Ao que parece as caveiras foram espetadas em paus e cravados na terra pelo telheiro e acabaram por desaparecer. As terras do penedo foram usadas pelo telheiro para a sua atividade e, posteriormente, a restante terra terá sido, possivelmente, peneirada a pedido de Martins Sarmento, onde se encontraram alguns materiais.

Segundo Manuel Aguiar (1947: 295) a freguesia de Soalhães teria sido habitada desde a pré-história, tendo sido descoberto um “sarcófago pré-histórico no lugar das Coriscadas e perto do monte Entrudo (...)”. Este autor não associa nenhuma lenda em particular à Gruta das Coriscadas, mas refere a existência de contos populares, “*sobretudo os que se referem a mouras encantadas guardando grandes tesouros, como os de Penegada (Várzea de Ovelha), onde chegaram a vir crendeiros do Porto e Braga, para se apoderarem das imensas riquezas, como os de Castelo de Mouros (idem), os de Penedo Cavallo (Monteiró), os da Pedra que Fala (Manhuncelos) e da Pena (Soalhães), etc. etc.*” (Ibid: 304).

Já José Augusto Vieira, em 1887, na sua obra “O Minho Pittoresco”, refere a existência de lendas associadas aos Mouros na freguesia de Soalhães: “*O investigador de assumptos archeologicos encontra em Soalhães com*

que occupar-se por algum tempo, e o mesmo succede ao ethnographista que procure recolher as lendas de mouros que tanto abundam ahí” (Vieira, 1887: 492). Efetivamente, seria proveitoso fazer o levantamento das lendas de Soalhães e tentar averiguar se existia alguma lenda associada ao Penedo de Cuba.

Este sítio arqueológico situa-se no Lugar das Coriscadas, na Bouça da Poça do Monte (Portal do Arqueólogo, 2021). Segundo Martins Sarmento, o sítio ficava acima das Coriscadas, cujo nome “*vinha-lhe de ser frequente a queda de raios naquele sítio, mostrando prova disso alguns penedos fendidos por coriscos*” (Sarmiento, 1999: 242). “*O nome [Coriscadas] vem-lhe da predilecção que parece terem os raios por aqueles lugares, mostrando-se entre outros um rochedo colossal aberto de alto a baixo por um corisco. Na praia de Gontinhães há um sítio, onde se repete este facto e este nome*” (Sarmiento, 1882: nota 3).

Vejam os outros sítios arqueológicos associados à palavra “corisco” ou suas variantes. O Abade de Baçal refere a existência em Cabanelas (Mirandela) do lugar de Orzedinho de Prado Corisco. Num outro artigo refere a existência do Castro Corisco, termo de Montesinho, freguesia de França, onde “*há uma Pedra bulideira com muitas cruces e sinais incisos, que dizem ser feitas pelos pastores para verem quanto crescem de um ano para o outro*” (Alves 2000[1934]: 596). A zona onde se encontram as sete rochas gravadas do Castro Curisco (França, Bragança) situa-se numa área onde se concentram rochas graníticas do local, perto de uma pequena linha de água, onde se forma um pequeno vale pouco acentuado. Neste



Fig. 6 Área onde se localiza a “Gruta das Coriscadas”, outra perspectiva (Fotografia de Luis Sousa)

vale, o Abade Baçal refere a existência de três rochas com cruces e covinhas: a Fraga Medideira, a Fraga Bulideira e uma terceira sem designação (Portal do Arqueólogo, 2021).

No concelho da Mêda (Guarda) existe a freguesia da Coriscada, cuja designação parece ser uma variante da palavra coriscos. Por um lado, a designação toponímica da aldeia e freguesia da Coriscada pode ter sido atribuída a este local em virtude de “ocorrem frequentemente fortes e assustadoras trovoadas acompanhadas de fortes descargas elétricas (raios ou coriscos)”. Estas terras eram assoladas por tempestades muito fortes, principalmente no sítio do Alto da Nadeira, hoje conhecido por Monte de Santa Bárbara. Aqui foi construída uma capela dedicada a Santa Bárbara, que é invocada como protetora contra os raios e as trovoadas (Junta de Freguesia da Coriscada, 2019). Na Coriscada a tradição associa o topónimo às fortes trovoadas (com raios e coriscos) que parecem agravar-se no local, sobretudo no alto do Monte de Santa Bárbara e na Nateira, área onde existe uma densa região mineira, que se

estende desde o sítio do Gravato e da Cornelha até às Minas da Quinta da Coitada (Câmara Municipal da Mêda, 2019).

No sítio do Vale do Mouro, que se localiza nesta freguesia, foram descobertos vestígios de um provável *vicus*, com uma vasta ocupação entre os séculos I e V/VI d. C. (Coixão *et al.*, 2011). Durante as campanhas de escavação, quando se atingiram níveis junto ao solo de base, foram exumados materiais líticos, em sílex e quartzo, assim como percutores em xisto, anfíbolito e granito que têm paralelos com materiais similares datados do Neolítico Antigo da região (Coixão *et al.*, 2009: 146). O sítio localiza-se a sudeste da freguesia de Coriscada e a sul do chamado “Alto de Santa Bárbara”, onde ainda eram visíveis vestígios de extração de minério (de estanho?) (Portal do Arqueólogo, 2021).

Em Torre do Pinhão (Sabrosa, Vila Real) existe um povoado fortificado denominado Murada/Muragalho do Corisco/Castro do Corisco (cns 15576). Possui uma linha de muralha “construída com blocos graníticos assentes em aparelho irregular, que chega a atingir

cerca de 2m de altura. Nos sectores S e E, zonas de vertentes mais íngremes, a muralha adossa-se aos penedos. No flanco N parece definir-se uma entrada no povoado, sendo esta flanqueada por um possível torreão” (Portal do Arqueólogo, 2019).

A palavra corisco pode significar uma faísca elétrica da atmosfera, acompanhada, ou não, de um trovão. Pode ser sinónimo de raio⁶. O termo Coriscada aparece descrito no Dicionário Infopédia de Toponímia (em linha), como ‘lugar onde se encontram pedras de raio’. Pode ter as seguintes variantes e derivados: Escuriscada (s); Corisca, Corisco (s), Curisco. Porém, a palavra corisco também pode ser utilizado para identificar uma planta graminácea. Para se confirmar a origem do topónimo Corisco, será necessário obrigatoriamente realizar trabalho de campo e tentar aferir todas estas possibilidades.

2.2. Fragão da Pitorca (Chaves)

O Fragão da Pitorca consiste num abrigo de médias dimensões que se insere num conjunto de formações graníticas que se situam num local com uma posição destacada na paisagem. Foi neste abrigo que um jovem habitante da aldeia de “Curral de Vacas” encontrou uma espiral em ouro (Portal do Arqueólogo, 2021). Armbruster e Parreira (1993: 25) descrevem este conjunto artefactual como sendo

6. Em relação ao topónimo “raio” recolhemos a seguinte informação: O Abade de Baça regista ocorrência de vários machados de pedra polida na Fraga do Raio, que se localiza no “termo de Mós, concelho de Moncorvo”. No sítio do Raio, Miranda do Douro, “têm-se encontrados machados de pedra, uma ponta de seta de sílex e fragmentos de louça” (Alves, 2000 [1934]: 683-684). Segundo Maria de Jesus Sanches, este povoado fica implantado num pequeno esporão, “de encostas em falésia abrupta sobre os rios Douro e Fresno, entre 600 e 610 m de altitude absoluta”. A norte, na zona da entrada do esporão, existem indícios de uma linha de muralha. Foram encontrados 3 machados polidos de anfíbolito e uma ponta de seta triangular “com pedúnculo e aletas desenvolvidas, em sílex”, material que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia (Sanches, 1997: 286). Domingos Marcos (1994: 105), reporta, em 1994, que um exemplar de um machado polido se encontra na posse do Dr. Hermínio Bernardo, dado que nos demonstra que atualmente, estes objetos são ainda recolhidos nos terrenos e muitas das vezes, não sendo doados a museus, encontram-se na posse dos seus achadores. No Cabeço do Raio, que se situa na freguesia de Monforte (Portalegre) foi detetada uma mancha de materiais com uma área de 10x10 m (110 m²) onde se encontram mós dormentes (algumas de sela) percutores e cerâmica comum da Idade do Ferro. Num moruço foi recolhida uma mó dormente (cns 23890, Portal do Arqueólogo, 2019).



Fig. 7 Fragão da Pitorca (Fotografias cedidas por António de Souza e Silva [Tamara Júnior])

constituído por “(...) um anel espiralado de ouro [que] estava associado a um machado plano de cobre e a cerâmica do tipo Penha (...)”. Estes objetos encontram-se expostos no Museu da Região Flaviense. Ana M. S. Bettencourt interpreta este sítio arqueológico como local de enterramento, “provavelmente, desde o Calcolítico até ao Bronze Inicial”. Esta autora refere que o machado plano possui rebarbas de fundição” (Bettencourt, 2009b: 18).

António de Souza e Silva, no seu blog “Andanhos”, descreve a 17 de fevereiro de 2016, na publicação “Ao acaso... Perdido pelo Fragão da Pitorca” alguns dados que nos parece ser pertinente reproduzir no âmbito deste artigo. Este autor reproduz o texto de João Batista Martins publicado no dia 26 de junho de 1981 no jornal Notícias de Chaves:



Fig. 8 Fragão da Pitorca, outra perspectiva (Fotografias cedidas por António de Souza e Silva [Tamara Júnior])



Fig. 9 Portal de entrada e interior de um dos vários penedos que se localizam nas proximidades do Fragão da Pitorca (Fotografias cedidas por António de Souza e Silva [Tamara Júnior])

“Fraga da Pitorca ou Fragão da Moura [é assim] como lhe chamam respetivamente os moradores de Curral de Vacas e os de Vila Frade. Os rochedos estão compreendidos nos limites das duas aldeias que parecem reclamar cada uma a sua posse. A Fraga da Pitorca, palavra composta onde entra o termo «orca», tão ligado à arqueologia, é um enorme aglomerado de penhascos de granito, com muitas grutas naturais e com diversos corredores entre elas. O ambiente que a cerca é constituído por castanheiras bravas e outras árvores e arbustos da mais diversificada qualidade que emprestam ao lugar uma imagem a que não estamos habituados, e que no verão formam um titio ameno, repousante, da natureza pura e virginal!”

Alguns habitantes da aldeia de Curral das Vacas procuravam por um tesouro na Fraga da Pitorca com um detetor de metais, pois eram contadas histórias que davam conta de ali se esconder um tesouro. Os dois irmãos achadores, José dos Santos Alves e Cândido dos Santos Alves encontraram o machado de cobre e um anel de ouro, tendo resolvido doar o machado e vender a espiral de ouro à Câmara

Municipal de Chaves (IGESPAR, 2010). De acordo com esta informação, depreende-se que este sítio arqueológico seria conhecido localmente como o Fragão da Moura, associando os penedos à possível existência de lendas de mouras encantadas e a tesouros escondidos. De facto, o Arquivo Português de Lendas (APL), desenvolvido pelo Centro de Estudos Ataíde Oliveira, refere a seguinte lenda associada ao Fragão da Pitorca⁷:

“Contavam os antigos que existia uma moura encantada no Fragão da Pitorca, situado na aldeia de Santo António de Monforte. Diziam que se costumava ouvir a moura a cantar.

7. Dados relativos a esta lenda: APL 1017. AA. VV., - *Literatura Portuguesa de Tradição Oral* s/l, Projecto Vercial - Univ. Trás-os-Montes e Alto Douro, 2003, p.ME4. Year: 2002. Place of collection: Santo António De Monforte, CHAVES, VILA REAL; Collector: Daniela Amorim Alves (F); Informant: Maria Teresa Alves Gomes (F), 60 y.o., Santo António De Monforte (CHAVES). Disponível em: <https://lendarium.org/pt/apl/encantadas-em-cobras/lenda-do-fragao-da-pitorca>.

Certo dia, um homem do povo encheu-se de coragem e resolveu ir ao fragão para ver se encontrava a moura. Chegou-se à frente e viu-a a pentear-se com um pente de ouro os cabelos dourados. Ela pediu-lhe que lhe fizesse um favor:

- Quero que venhas cá amanhã bem cedo e que não tenhas medo do que vires e ouvires.

O homem concordou.

De manhã bem cedo lá estava ele. De repente, apareceu-lhe uma enorme cobra que subiu por ele acima para lhe dar um beijo. Mas o homem teve medo, deu um grito e fugiu.

A moura apareceu e disse:

- Ah, ladrão! Foste a tua desgraça e a minha. Redobreste o meu encanto.

O homem chegou a casa cansado de tanto correr com o medo. Uns dias mais tarde, morreu. E nunca mais ninguém ouviu cantar a moura encantada.”

Neste local, existiria uma moura encantada que procurava libertar-se do seu feitiço. A fraga é designada pelos habitantes locais como a “Fraga da Moura”, onde se ouvia a Moura a cantar. Esta lenda é semelhante a tantas outras que se conhecem em

todo o país, muitas delas associadas a vestígios arqueológicos.

Muito perto da fronteira Portugal/Espanha e aproveitando os terrenos para a agricultura e pecuária, esta é uma região em que a paisagem adquire vários sentidos, usos e significados. Na área onde se situa o Fragão da Pitorca existem vários penedos ou áreas entre penedos que foram aproveitados para a construção de pequenos espaços de apoio à agricultura. Alguns deles possuem dimensões razoáveis e poderiam até servir para guardar o gado. Segundo o Senhor Augusto, proprietário de alguns destes terrenos e entrevistado por António de Souza e Silva: “(...), este lugar (...), foi um dos lugares constantes da rota do contrabando: aqui se acomodavam dezenas de cabeça de gado para, pela calada da noite, em horas de segurança, passar «calmamente» para a «outra banda» (Souza e Silva, 2016).

Este portal de entrada e o espaço que se localiza no interior dos penedos exemplifica bem a forma como os habitantes locais rentabilizavam o espaço entre penedos, criando espaços para guardar os



Fig. 10 Portal de entrada e interior de um dos vários penedos que se localizam nas proximidades do Fragão da Pitorca, outra perspectiva (Fotografias cedidas por António de Souza e Silva [Tamara Júnior])

animais, espaços de descanso, protegendo-se de possíveis predadores ou das intempéries. Esta paisagem pontuada por penedos e histórias, marcada por diferentes usos e costumes, ficou registada no texto de Miguel Torga (2011: 333) que relata a sua visita ao Fragão da Pitorca do seguinte modo:

“Curral de Vacas, Chaves, 4 de Setembro de 1991 – Com metade da povoação a guiar-me, visita penosa à Pedra Pitorga, um abrigo pré-histórico gigantesco que deu segurança através dos tempos a sucessivas aflições. A ele se acolhiam os primitivos habitantes da região, assediados por ursos, lobos, javalis e outros inimigos. Nele se refugiaram foragidos da Inquisição e da sanha miguelista e liberal, e perseguidos da Guerra Civil espanhola, que a raia não defendia da raiva nacionalista. Labirinto granítico oculto num matagal de giestas e carvalhas, (...)”

2.3. A Casa da Moura - Lorga de Dine (Vinhais)

Gruta de Dine, Lorga de Dine, Casa da Moura Encantada - é assim que este singular sítio arqueológico

da região de Trás-os-Montes de Alto Douro é conhecido localmente e na literatura arqueológica.

A Lorga de Dine situa-se a 780 metros de altitude. Trata-se “*de uma cavidade cársica, em calcários dolomíticos devónicos, com estalactites*” (Pereira, 2006:269); situada nos contrafortes da Serra da Escusaña (Lemos, 1993a: 157). A gruta é composta por duas salas contíguas “às quais se associam, em várias direções, galerias e salas mais diminutas. A entrada localiza-se a S. dando acesso à primeira sala, com comprimento máximo de 10 m. e largura média de 3 m., a qual comunica com outra que lhe é praticamente perpendicular e que tem dimensões máximas idênticas à anterior. Alguns dos espaços colaterais encontram-se ainda preenchidos de sedimentos quase até ao tecto. As alturas das salas maiores oscilam entre 1 e 4m” (Jana *et al.*, 2021).

O interior da gruta foi objeto de constantes movimentações o que levou a que as terras fossem crivadas durante a primeira intervenção arqueológica. No entanto, foram feitos alguns cortes em zonas consideradas intactas (Harpsoe e Ramos, 1985: 202).



Fig. 11 Crasto de Dine (Vinhais)

Desconhecem-se o resultado das várias campanhas de escavação. Para além de inúmeros ossos humanos também foram exumados ossos de animais; pontas de seta de base em sílex, corneana e xisto; contas de colar esféricas e cilíndricas, entre outros. O material mais abundante é constituído por recipientes cerâmicos, na sua maioria ricamente decorada (Sanches, 1997: 287).

Trabalhos recentes (Pereira *et al.*, 2018; Grandal-d’Ánglade *et al.* 2019; Bettencourt *et al.*, no prelo), de 2018 e 2019, confirmam alguns dados que já tinham sido enunciados na bibliografia arqueológica publicada anteriormente sobre a Lorga de Dine (Jorge, 1986: 894 nota 17; Lemos, 1999; Sanches, 1997; Bettencourt, 2011), nomeadamente a possibilidade de terem existido nesta gruta práticas funerárias:

“Although the lack of archaeological record (plants and stratigraphic profiles) from old excavations made during the 60’s of 20 century, the recovered data of some fauna and humans remains and objects could be dated back to the 3rd and 2nd millennia BCE (between 3840±40 BP and 3430±40

BPE), corresponding to the Regional end of Chalcolithic to Middle Bronze Age. Observing some evidences (like human bones and some objects) it is clear that the cave was used for funerary practices” (Grandal-d’Ánglade *et al.* 2019).

Tinham sido recolhidos os crânios de seis indivíduos, dos quais foram estudados cinco: “*os resultados de AMS das 4 amostras de restos ósseos e de 1 dente realizadas no International Chemical Analysis (E.U.A.) apresentam datas entre 2461-2199 e 1830-1636 AC, ou seja, entre os finais do Calcolítico e o início do Bronze Médio*”, o que se encontra em consonância com o material arqueológico exumado (Pereira *et al.*, 2018: 65).

Para além da gruta, é possível que a plataforma em frente à atual entrada tenha também vestígios de ocupação. No topo do cabeço em cuja encosta se localiza a gruta, localiza-se o Crasto de Dine. Até ao momento não existem indicações seguras de que ocupação deste local é coincidente com a ocupação da gruta (Portal do Arqueólogo, 2021). O Crasto de Dine (cns 18381) localiza-se num “pequeno outeiro

circular situado no extremo Sul da aldeia, e em cujo topo se situa a igreja matriz de Dine”. É designado pela população local de Crasto, ou Castro. A Lorga de Dine situa-se na vertente Sudoeste deste pequeno outeiro e nas imediações do rio Tuela. Segundo o Portal do Arqueólogo (2021), Tarcísio Maciel detetou “diversas mós manuais existentes nos quintais de algumas casas nas imediações da igreja”. Seria proveniente da aldeia uma peça de um candelabro de bronze de época romana. Na vertente Nordeste e nas proximidades da Igreja Matriz foram descobertas e escavadas sepulturas lajeadas de cronologia medieval (Portal do Arqueólogo, 2021). Gostaríamos, ainda, de fazer referência à existência dos fornos de cal, nas proximidades.

A aldeia de Dine, a Igreja, a Gruta, os fornos de cal constituem um lugar persistente na paisagem com evidências de ocupação em vários e distintos períodos: Calcolítico, Idade do Bronze (Inicial e Médio), Idade do Ferro, Romano, Idade Média, Idade Moderna e Época Contemporânea.

Algo curioso acerca da Lorga de Dine prende-se com os resultados obtidos por João Luís Cardoso (1995: 214-219) ao estudar os vestígios faunísticos desta gruta, onde terão sido detetados dentes isolados de rinoceronte (*Dicerorhinus hemitoechus*), algo raro em Portugal. Entre os carnívoros, destaca-se a *Crocota crocota intermedia*, uma subespécie arcaica de hiena das cavernas; o leopardo (*Panthera pardus*) e o leão das cavernas (*Panthera (leo) spelaea*) – ambos escassamente representados; e ainda o urso (*Ursus arctos*), evidenciando a ocupação da gruta por grandes predadores. Ao nível dos animais herbívoros existem exemplares de auroques (*Bos primigenius*), cavalos (*Equus caballus*), veados (*Cervus elephus*). Perante estes dados, João Luís Cardoso sugere o seguinte:

“Até ao presente não se recolheu qualquer testemunho da presença humana na gruta, no decurso do Plistocénico. Deste modo, considerando a numerosa e diversificada representação de carnívoros, que teriam aproveitado a gruta como refúgio, é plausível que os restos de herbívoros referidos correspondam a animais capturados por estes” (Cardoso, 1995: 219).

A Lorga de Dine “era conhecida na tradição local como a «casa de uma Moura Encantada», que tinha à sua guarda «Potes de Ouro». (...)” O trabalho de escavação nos anos sessenta foi, em grande parte, de remoção da terra solta em que se encontravam misturados calhaus de pequenas dimensões, fragmentos de ossos e de cerâmica, o que confirma as informações colhidas localmente de que era hábito dos jovens da região irem à procura do «pote de ouro», revolvendo assim as camadas arqueológicas para encontrarem vasos inteiros, os quais, conforme a lenda, deveriam ser quebrados para revelarem o tesouro (Hapsoe e Ramos, 1985: 202). A par de inúmeros fragmentos de cerâmica, existe um significativo número de vasos cerâmicos inteiros, bem conservados, nesta gruta. O estudo do material cerâmico deste sítio arqueológico poderia permitir definir fraturas antigas e fraturas recentes, fazer a colagem de alguns vasos, na tentativa de se perceber o número de vasos destruídos em tempos recentes, na tentativa, ou não, de encontrar os ditos potes de ouro ou os tesouros que esta gruta albergava.

O Brasão de Armas de Fresulfe, freguesia do concelho de Vinhais, onde se situa a aldeia de Dine, possui dois elementos que nos parecem significativos: um forno de cal e um monte com a abertura da gruta (Diário da República, III Série de 25/05/2001). Esta escolha feita num passado recente da história da freguesia (2001) reflete bem a importância da extração da cal e da própria Lorga de Dine, que suscita curiosidade aos habitantes locais e visitantes, que procuram conhecer a gruta e o seu centro de interpretação, a par dos outros locais de interesse naquela localidade.

3. Notas Finais

“(…) Bom é que o povo disparate à sua vontade sobre as causas e fim da exploração da sepultura. A indiferença é que seria um pessimo symptoma; mas creia V.Ex.^a que d’estes crendeiros é que eu tenho recebido as melhores notícias. Mesmo a sua mania de que tudo o que pertenceu aos mouros está cheio de ouro é, a meu ver, providencial, porque sem isso não se daria o facto que se dá hoje, a saber, que mesmo um qualquer signal num penedo, às vezes num ermo e com valor archeologico, nunca é desconhecido pelos vizinhos, nem confundido com

cousas modernas. É a tradição de pães a filhos que faz isto. Portanto, devaneie o povo à sua vontade, mas vá-nos dizendo onde estão as cousas” (Martins Sarmiento, apud Vasconcellos, 1901: 174-175).

Este excerto de uma carta escrita por Martins Sarmiento e enviada a José Leite de Vasconcelos, a propósito do Penedo de Cuba, demonstra-nos que devem ter surgido as mais curiosas explicações para os vestígios encontrados neste sítio. A existência de caveiras e ossos humanos deve ter suscitado o aparecimento das mais diversas histórias sobre aquele local. Infelizmente, na bibliografia consultada não conseguimos encontrar nenhum desses elementos. Talvez porque Martins Sarmiento não os valorize, considerando que são explicações sem sentido. Ou podem ter sido registados por outros autores, cuja bibliografia não tenhamos tido acesso. Parece-nos mesmo imperativo fazer trabalho de campo em Soalhães, tentando recuperar alguma desta informação, se ainda for possível.

Martins Sarmiento, apesar de não valorizar as explicações, valoriza as informações e indicações que as lendas e as crenças populares lhe dão sobre os vestígios arqueológicos, nomeadamente a sua existência e localização. Salienta ainda que esses vestígios são conhecidos pelas comunidades locais e que elas as reconhecem com algo antigo, não as confundindo com algo recente: “*um qualquer signal num penedo, às vezes num ermo e com valor archeologico, nunca é desconhecido pelos vizinhos, nem confundido com cousas modernas*”. Estes dados, transmitidos de geração em geração, oralmente, são, na nossa opinião, importantes para a análise e interpretação dos vestígios arqueológicos.

Ao realizarmos este trabalho era nossa intenção compilar e analisar a tradição oral associada a estes sítios arqueológicos, que podem ter tido práticas funerárias, de inumação, em grutas e abrigos, durante a Pré-história Recente. Os dados recolhidos na bibliografia são insuficientes para o fazer de forma sistemática. Será necessário, inequivocamente, fazer trabalho de campo e inquéritos/entrevistas às comunidades locais. As explorações realizadas no Penedo de Cuba e nas Grutas de Santo Adrião foram efetuadas no último quartel do século XIX. Pode ser algo difícil aceder a estes dados, que, entretanto,

se podem ter perdido. Estamos em crer que nas últimas décadas tem havido um distanciamento entre gerações, fruto das mudanças que têm ocorrido na nossa sociedade. A falta de ligação à terra e à comunidade local, o ritmo de vida, entre outros aspetos, criaram um fosso geracional e uma parte significativa do nosso património imaterial ter-se-á perdido. Daí a importância de um trabalho de campo sistemático com vista a recuperar a tradição oral das comunidades, neste caso em particular, associada aos vestígios arqueológicos.

Não sendo possível analisar a tradição oral relacionada com o Penedo de Cuba, optámos por analisar o topónimo “Corisco” devido à designação de “Gruta da Coriscada”. As designações dos vestígios arqueológicos, podem ser, por vezes, bem expressivas da realidade que caracterizam. São, igualmente, um bom indicador da presença de vestígios arqueológicos em determinado local. Tendo abordado o tema das pedras de raio e coriscos num trabalho anterior, consideramos que a explicação dada por Martins Sarmiento é uma das possíveis interpretações possíveis para a designação de “Gruta da Coriscada”. Outra possibilidade, assenta na descoberta, por populares, de utensílios líticos, nas imediações do Penedo, podendo esses machados polidos ou goivas serem consideradas “pedras de raio”. A designação “Penedo de Cuba” também nos suscita algumas perguntas. Apenas a realização de trabalho de campo pode dar resposta a todas estas questões.

Ainda relativamente à toponímia, as Grutas de Ferreiros têm adquirido ao longo dos tempos mais do que uma designação, sendo hoje conhecidas pelo nome de Grutas de Santo Adrião. Segundo Nery Delgado: “*Tem-se descoberto até agora quatro grutas n’esta região: (...). Designa-las-hei pelos nomes de gruta de Ferreiros, gruta Grande, gruta da Ribeira e gruta do Geraldês. A primeira era já conhecida desde muito tempo pelo nome de Buraco de Ferreiros (...)*” (Delgado, 1887: 49). Depreende-se que a gruta de Ferreiros já era conhecida pela população local, que sabia da sua existência/ localização e que lhe tinha atribuído um nome. Este ato de nomear os lugares, é também uma forma de apropriação dos espaços e de atribuir significado à paisagem que os rodeia criando referências espaciais. Quando pensamos na palavra Buraco, associamo-la a uma cova, um

orifício, uma fossa, uma abertura. Raramente a palavra gruta é utilizada pelos habitantes locais, sendo normalmente uma palavra usada por arqueólogos, espeleólogos, geógrafos e etc. Segundo José Leite de Vasconcelos:

“As grandes aberturas naturais do solo recebem vários nomes na nossa língua, a saber: lapa (e solapa), furna (e fórna), gruta (e grotta), caverna, cova, mina, algar, etc. A palavra lapa parece corresponder mais particularmente a «abrigo de baixo de rochedo»: até na linguagem usual se diz alapar-se e solapar-se.” (...) “A palavra gruta é puramente litteraria, não se usa no povo; no mesmo caso está caverna” (Vasconcelos, 1897: 213-214). [A gruta] “É de maiores dimensões, aberta para o lado de fora, e às vezes possui vários compartimentos internos” (Vasconcelos, 1897: 201).

No seguimento deste assunto relativo à toponímia, o Abade de Baçal (2000 [1938]: 235) explica que *Pen*, radical de *penedo*, *pedra*, é um toponímico muito frequente com as seguintes variantes: *Pena*, *Penedo*, *Penedro*, *Penedra*, *Penedal*, *Pena Cal*, entre outros. Assim sendo, *Pena Cal* [Penecal] é a “fraga da cal ou de onde se extrai cal”, por isso assumimos que este topónimo nos ajuda a compreender a essência deste local. Este autor acrescenta a seguinte informação sobre o lugar de Penecal, “nos termos de *Alfaião e São Pedro de Serracenos* [Bragança]. Há uma caverna mui comprida num fragueiro, onde ninguém entra, porque se apaga a luz que levar. Vive lá uma moura encantada a tecer em tear de ouro”.

Como vimos, o fragão da Pitorca, também conhecido como Fragão da Moura e a Lorga de Dine ou Casa da Moura Encantada, eram habitados por Mouras que guardavam tesouros. No caso de Penecal não foi confirmado, até ao momento, a existência de vestígios arqueológicos, embora esta lenda seja interessante porque nos revela que a gruta é muito comprida, que há algo que deve permanecer escondido, daí o facto da luz se apagar (no nosso entender), que existe uma moura encantada, cujo encantamento, em teoria, pode ser quebrado, a tecer num tear de ouro, o que seria um verdadeiro tesouro. No que diz respeito ao Fragão da Moura, os habitantes acreditavam na existência de um tesouro, tendo efetivamente encontrado vestígios

arqueológicos, entre os quais se destaca, neste caso, uma espiral em ouro. A Lorga de Dine, conforme já tivemos oportunidade de demonstrar, possui um conjunto artefactual bastante expressivo a par de ossadas humanas.

As Mouras e os Mouros, as lendas e os topónimos que os perpetuam na tradição oral são semelhantes e comuns em todo o país. Para a região de Trás-os-Montes temos várias obras onde podemos encontrar estes dados, destacando-se as “Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança”, escritas pelo Abade de Baçal, que teve o cuidado de registar estas e outras lendas. Apenas a título de exemplo referimos outra Fraga da Moura, que fica na ribeira de Penecal: “a norte de Carocedo [Bragança], na confluência da linha de água que vem do termo desta povoação e de Failde com a ribeira de Penecal, fica a Fraga da Moura, que tem uma caverna onde cabe um rebanho de gado, isto na margem esquerda do Penecal e na margem direita, logo em frente, há restos de fossos e muralhas de pedra solta” (Alves, 2000 [1934]:146). E estes exemplos repetem-se não só nesta obra, mas igualmente no Arquivo Português de Lendas (em linha); nas obras de Alexandre Perafita (2006; 2011), Otilia Lage (2004), entre outros.

Os Penedos, Fragas e Grutas povoam a paisagem transmontana, servindo de abrigo a pastores, agricultores e viajantes, delimitando fronteiras, guardando tesouros e memórias de diferentes tempos. Como é que o “homem neolítico” olhava para estes espaços é algo que nos ultrapassa, mas procuramos, nestas breves páginas, demonstrar como, num passado recente, suscitavam a curiosidade das comunidades locais.

“Como sería lúgubre entrar numa gruta de corredores tortuosos, húmida, escura, extensa, onde as palavras se prolongavam momentaneamente em echo, onde as sombras e os estrondos subterrâneos causavam medo! Quando por acaso se acendia um archote no interior d'aquellas solidões, logo, como sabe toda a gente que visita uma gruta, bandos de morcegos esvoaçavam, despertados do sossêgo em que vivião: quantas vezes, para os homens simples e crendeiros dos tempos neolíticos, os innocentes mamíferos, acossados violentamente dos esconderijos, representião os espíritos dos mortos, que surgirão das trevas, e se sobressal-

tarão na presença dos vivos? (...)” (Vasconcelos, 1897: 222-223).

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao António Luís Pereira pela sua compreensão e paciência; ao Doutor José d'Encarnação pelos seus sábios conselhos; à Sandra Santos pelo seu olhar atento; ao Luís Sousa, ao António de Souza e Silva e ao Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento (Gonçalo Cruz) a cedência das fotografias que tanto enriquecem este trabalho. Um bem-haja a todos.

Referências bibliográficas e eletrónicas

- ARMBRUSTER, B.; PARREIRA, R. (1993) Coleção de ourivesaria 1. *Do Calcolítico à Idade do Bronze*, Lisboa: Instituto Português de Museus.
- AGUIAR, Manuel Vieira de (1947) *Descrição histórica, corográfica e folclórica de Marco de Canaveses*, Porto: Esc. Tip. Oficina de S. José.
- ALVES, Francisco Manuel (2000 [1934]) *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte*, Bragança: Câmara Municipal de Bragança/Instituto Português de Museus – Museu do Abade de Baçal. Vol. IX.
- ALVES, Francisco Manuel (2000 [1938]) *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte*, Bragança: Câmara Municipal de Bragança/Instituto Português de Museus – Museu do Abade de Baçal. Vol. X. Arquivo Português de Lendas. Centro de Estudos Ataíde Oliveira, UALG. Disponível em: <https://lendarium.org/pt/>
- BETTENCOURT, A.M.S. (2009) “Práticas funerárias da idade do bronze de Trás-os-Montes e da Galiza oriental”, in Revista *Aquae Flaviae – Congresso Transfronteiriço de Arqueologia, Montalegre 2008*, Chaves: Grupo Cultural Aquae Flaviae. N.º 41.
- BETTENCOURT, A.M.S. (2011) “Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular”, in P. Bueno, A. Gilman, C. Martín Morales & F.J. Sánchez-Palencia (eds.) *Arqueologia, Sociedad, Territorio y Paisaje...* Bibliotheca Praehistorica Hispana 27. Madrid: CSIC, 115-139.

BETTENCOURT, A.M.S.; SANCHES, M.J.; COSTA, C.; SAMPAIO, H.A.; CUNHA-RIBEIRO, J.P.; BRITO, M. (no prelo) “Unused bone tools unearthed in the Late Prehistoric cave of Lorga de Dine (Vinhais, Northeast of Portugal)”, in *Actas do Encontro de Zooloquia Ibérica 2017*, Faro: Universidade do Algarve.

BRANDÃO, José Manuel; SILVA, Paulo B. (2005) “Contribuição para a elaboração de um catálogo geral dos artefactos arqueológicos ligados à mineração e metalurgia antigas nas colecções dos museus geomineiros do INETI”, in *3º Simpósio de Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*, org. Sociedad Española para la Defensa del Patrimonio Geológico y Minero, Instituto Português do Património Arquitectónico.

CARDOSO, J.L. (1995) Grutas do Maciço Hespérico de Portugal com faunas de grandes mamíferos plistocénicos. Breve síntese, *Caderno Lab. Xeolóxico de Laxe*. Coruña, 20: 213-229.

CARDOZO, Mário (1950) “Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento”, in *Revista de Guimarães, Guimarães*: Sociedade Martins Sarmento, 60: 403-486.

Carta Arqueológica do Concelho de Vimioso. Revisão do PDM. Vimioso: Câmara Municipal de Vimioso. Maio, 2015.

Câmara Municipal da Mêda (2019) *Coriscada – Notas históricas*. Disponível em: <https://cm-meda.pt/o-municipio/juntas-de-freguesia/coriscada/>

COIXÃO, A.N.S.; BRÍGIDA, A.; SIMÃO, P.V. (2009) *Carta arqueológica do concelho de Mêda*, Mêda: Câmara Municipal.

COIXÃO, António Sá; SILVINO, Tony; PEREIRA, Pedro Abrunhosa (2011) “Vale do Mouro (Coriscada – Mêda) – Ponto da situação da investigação de 2003 a 2009”, in AA VV. *Actas do V Congresso de Arqueologia – Interior Norte e Centro de Portugal*. Direção Regional de Cultura do Norte, 335 - 338.

“Coriscada” in Dicionário infopédia de Toponímia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-05-06 18:01:59]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/Coriscada>

CUIÇA, Pedro (11/07/2008) Grutas de Sto. Adrião ao abandono. [FORA DE PORTAS. jornal Fórum Ambiente nº 127, 2 de Maio de 1997], in *SPELAION*

(em linha). Disponível em: <https://espelaion.blogspot.com/2008/07/espeleologia-grutas-de-sto.html>. Consultado em setembro 2021.

DELGADO, Joaquim Filipe Nery da Encarnação (1883-1887) Reconhecimento científico dos jazigos de mármore e de alabastro de Santo Adrião e das grutas compreendidas nos mesmos jazigos, in *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*, Lisboa; Typografia da Academia Real das Ciências.

GRANDAL-D'ANGLADE, Aurora; BETTENCOURT, Ana M. S.; GARCÍA-VÁZQUEZ, Ana; SAMPAIO, Hugo Aluai (2019) "Identification by mass spectrometry (zooms) and isotope analysis on bone remains from Lorga de Dine (Vinhais, NE Portugal)", in *XIII Congresso Ibérico de Arqueometria. Livro de Resumos*, Faro, Portugal | 16-19 outubro 2019.

HARPSOE, C.H.; RAMOS, M.F. (1985) Lorga de Dine (Vinhais, Bragança), in *Arqueologia*, Porto: GEAP, 12: 202-204.

*IGESPAR (2010) em linha. Pesquisa por Património. Disponível em: [<http://www.igespar.pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>] (Acedido em Janeiro de 2010).

JANA, Ernesto; REDENTOR, Armando; RODRIGUES, Miguel (2021) "Lorga de Dine", in *Inventário do Património Arquitetónico*. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2280, [Consultado em setembro de 2021].

JORGE, S.O. (1986) - *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves - V.ª P.ª de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*, Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, Vol. I.

*Junta de Freguesia da Coriscada (2019) Disponível em: http://www.jf-coriscada.pt/cor_historia.html

LAGE, M. O. P. (2004) *Tesouros, mouras e facanitos...: estórias, trilha da história. Colectânea: lendas e outros fragmentos de cultura oral e imaginário popular transmontano*, Carraceda de Ansiães: Câmara Municipal.

LEMOS, F. S. (1999) "A Lorga de Dine. Um sítio arqueológico a descobrir", in *Vinhais Património*. Vinhais: Câmara Municipal, 2: 31-39.

LEMOS, F. S. (1993) *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*, (tese de doutoramento polícopiada), Braga: Universidade do Minho. Vol. 1.

MARCOS, Domingos dos Santos (1993) "Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do Planalto Mirandês (Pré-História)", in *Brigantia: revista de cultura*, Bragança: Assembleia Distrital de Bragança, Vol. XIII: 193-233.

MARCOS, Domingos dos Santos (1994) "Catálogo dos Monumentos e Sítios Arqueológicos do Planalto Mirandês (Proto História)", in *Brigantia: revista de cultura*, Bragança: Assembleia Distrital de Bragança, vol. XIV (1-2).

PARAFITA, Alexandre (2006) *A mitologia dos Mouros: lendas, mitos, serpentes, tesouros*, Vila Nova de Gaia: Gailivro.

PARAFITA, Alexandre (2011) *Património Imaterial do Douro*, Lisboa: Âncora Editora, Vol. II.

Penedo de Cuba e Gruta das Coriscadas. Sociedade Martins Sarmiento. 2021. Disponível em: <https://www.csarmiento.uminho.pt/site/s/sms/page/penedo-de-cuba-e-gruta-das-coriscadas>

PEREIRA, Paulo Jorge da Silva (2006) *Património geomorfológico: conceptualização, avaliação e divulgação. Aplicação ao Parque Natural de Montesinho*, Tese de Doutoramento em Ciências (Geologia), Braga: Universidade do Minho.

PEREIRA, T.; SAMPAIO, H.A.; BETTENCOURT, A.M.S.; CUNHA-RIBEIRO, J.P.; BRITO, M. (2018) "Práticas funerárias do Calcolítico e da Idade do Bronze da gruta da Lorga de Dine (Vinhais, Norte de Portugal): estudo antropológico", in *Férvedas, Revista de Investigación*, Vilalba (Lugo): Museo de Prehistoria e Arqueoloxía de Vilalba, 9: 59-66.

PINHEIRO, José Henriques (1888) "Relatório sobre as ruínas romanas descobertas junto da povoação de Castro d'Avellãs no mez de fevereiro de 1887", in *Revista de Guimarães*, Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, 5(2): 71-96.

Portal do Arqueólogo (2021) Direção-Geral do Património Cultural. Disponível em: <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php>

SANCHES, M. J. (1997) *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro (O abrigo do Buraco da Pala no Contexto Regional)*, Porto. SPAE.

SANCHES, M. J. (1992) *Pré-História recente do Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*. Monografia Arqueológica, 3, Porto: GEAP.

SARMENTO, Francisco Martins (1882) "Sepultura pré-histórica em Soalhães", in *A Vida Moderna*, Porto, II:198.

SARMENTO, Francisco Martins (1999), *Antiqua - Apontamentos de Arqueologia*, Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, 243-245.

SOUZA E SILVA, António de, (2016) "Ao acaso... Perdido pelo Fragão da Pitorca". *Blog "Andanhos"* Disponível em: <https://andanho.blogspot.pt/ao-acaso-perdidos-pelo-fragao-da-48026>

TORGA, Miguel (2011). *Diário. Vols. XIII a XVI*, D. Quixote, edição de 2011.

VASCONCELOS, José Leite de (1897) *Religiões da Lusitânia: na parte que principalmente se refere a Portugal*, Lisboa: Imprensa Nacional, Vol.1.

VASCONCELLOS, José Leite de (1901) "Cartas de Martins Sarmiento", in *O Archeologo Português*, Lisboa: Museu Ethnographico Português 6 (8-12): 173; 174-175.

VIEIRA, José Augusto (1887) *O Minho Pittoresco*, Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, vol. 2.

* Estas páginas da internet e respetiva informação já não se encontram disponíveis online.

